

A APRENDIZAGEM E SEUS DESAFIOS NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Alba Aparecida Ribeiro Silva Gomes
Universidade Federal de Uberlândia
albaribeiro27@gmail.com

Profa. Dra. Maria Irene Miranda
Universidade Federal de Uberlândia
mirenemufu@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo de caso psicopedagógico e tem como objetivo investigar os fatores desencadeantes da dificuldade de aprendizagem de J. L., aluno do 4º ano do ensino fundamental de uma escola privada na cidade de Uberlândia. A queixa apresentada pela mãe e pela professora se refere à leitura e escrita, interpretação de texto e matemática. J.L. foi reprovado no 1º e 3º ano. Segundo sua professora o sujeito, falta frequentemente às aulas e a família não é presente na vida escolar da criança.

O estudo de caso psicopedagógico fundamenta-se em uma pesquisa investigativa que busca compreender o problema e suas causas. Seu objetivo não é rotular o sujeito e sim propor uma intervenção. Para coleta de dados, foram utilizados como instrumentos atividades de produção escrita, provas operatórias, técnicas projetivas, entrevista com o sujeito, anamnese e entrevista com a professora.

Palavras-chave: Aprendizagem, Pesquisa, Estudo de Caso Psicopedagógico

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem são temas recorrentes e preocupantes nas escolas e nas famílias devido à repetência e evasão. Nesse contexto a psicopedagogia vem trazer contribuições para a realização de diagnóstico e propostas de intervenções na intenção de amenizar e/ou sanar os obstáculos postos a construção do conhecimento.

O presente artigo tem por objetivo apresentar o relato de uma pesquisa em desenvolvida por meio de um estudo de caso psicopedagógico. O sujeito está mencionado com as iniciais J. L. tem 11 anos e nove meses, sexo masculino, no 4º ano do ensino fundamental I de uma instituição privada na cidade de Uberlândia, foi reprovado no 1º e 3º ano. Fez acompanhamento com fonoaudiólogo por 06 meses. Aos 08 anos apresentou diabetes do tipo I e faz acompanhamento com endocrinologista.

A queixa informada pela mãe do sujeito baseia-se na dificuldade de escrita, leitura e matemática. Afirma que J.L. começou a falar por volta dos quatro anos e seis meses; até os seis anos não tinha controle dos esfíncteres. Segundo sua professora o sujeito apresenta desinteresse pelas aulas, falta frequentemente e não tem apoio da família, que é ausente na escola. Por se tratar de uma criança de 11 anos, com duas reprovações, que não domina a leitura e a escrita, e com dificuldades em cálculos, entendemos que é de suma importância a investigação e intervenção das causas que desencadeiam esses sintomas, pois no 4º ano supõe-se que a criança domine a leitura, escrita e conceitos matemáticos. No entanto, como não acompanha se sente desmotivado, com a autoestima baixa, pois, no contexto escolar tem um rendimento que não corresponde as expectativas.

O objetivo desse estudo é conhecer e ressaltar as potencialidades do sujeito, enxergar suas capacidades e não suas limitações, eliminar rótulos e estigmas e elaborar um projeto de intervenção para suas dificuldades de aprendizagem.

O diagnóstico visa conhecer o sujeito para que uma proposta de intervenção seja desenvolvida. Os instrumentos devem ser bem selecionados, mas o mais importante é a capacidade de interpretação dos dados. Para Fernández (1991), o diagnóstico deve ter para o terapeuta a mesma função que a rede para o equilibrista. Será a base que dará o suporte ao encaminhamento necessário.

Ao realizar o diagnóstico, devemos escolher os instrumentos apropriados ao sujeito e com eles explorar suas potencialidades, considerando que todos são capazes de aprender, de construir novas concepções. Segundo Miranda (2015), isso significa olhar para o sujeito que está com problemas de aprendizagem e buscar enxergá-lo por suas capacidades e não por suas limitações.

O processo diagnóstico precisa ter embasamento teórico para revelar o nível de entendimento do sujeito em situação de aprendizagem. No caso do presente estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista inicial com os pais, entrevista com o sujeito, EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), provas operatórias, técnicas projetivas, anamnese, entrevista com a professora.

Foi realizada uma primeira entrevista com os pais do sujeito, não se tratando da anamnese, a qual foi realizada após algumas sessões. O objetivo da entrevista foi coletar os dados da criança e conhecer a queixa que levou a família a procurar ajuda psicopedagógica. Durante a entrevista a mãe mostrou-se mais atuante na educação e na vida da criança que o pai. Afirmou que o incentiva para que faça as tarefas sozinho, pois o considera imaturo, mas que, após a descoberta do Diabetes com 8 anos, passou a superprotegê-lo.

A entrevista com o sujeito foi semiestruturada, na medida em que foram surgindo pontos a serem esclarecidos, foram acrescentadas novas perguntas. J. L. demonstrou tranquilidade e à vontade durante a entrevista, falando sobre os pais e seu relacionamento com a irmã mais velha, de 17 anos. Nas informações em relação a datas e nomes se confundiu bastante. Não mantém contato com os amigos da escola fora do ambiente escolar e não demonstra nenhum sentimento com relação ao seu fracasso escolar. Quando indagado sobre o motivo de iniciar um tratamento psicopedagógico, disse que seria para “acalmar sua raiva”, pois o colega da escola o irritava.

Através da EOCA, podemos investigar os vínculos que a criança possui com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar. Para Visca (1987) a EOCA é um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Dessa forma, foi disponibilizada ao sujeito uma caixa contendo materiais variados, para que tivesse o primeiro contato e falasse sobre o que estava vendo e ou manipulando. A princípio não explorou a caixa, folheou o gibi e contou a história a partir da imagem, sem ler. Após algum tempo foi dada a consigna, que consiste em orientar que o sujeito utilize o material como quiser, mostrando o que sabe fazer ou o que lhe foi ensinado a fazer e o que ele aprendeu a fazer. Pegou folhas de Filipinho (folhas sulfite coloridas) e vendo as dobraduras começou a recortá-las, sem uma finalidade e após alguns recortes decidiu fazer um desenho e só aí explorar o conteúdo da caixa. Mostrou-se à vontade, mas sem curiosidade em explorar todo o material disponível.

Na aplicação das provas operatórias é importante observar e anotar detalhadamente as falas, atitudes, argumentos, soluções dadas às questões, pois será fundamental para a interpretação da conduta do sujeito. No diagnóstico as respostas são divididas em três níveis. No nível 1, não há conservação, ou seja, a criança não atinge o nível operatório, no nível 2, as respostas apresentam oscilações, instabilidade, conserva em alguns momentos e em outros não; e no nível 3 demonstra aquisição da noção sem vacilação. De acordo com Visca (1995),

A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito, realizando uma análise quantitativa, e reconhecer as diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo, ou seja, sua aplicação nos permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação à sua idade cronológica (VISCA, p. 11, 1995).

Na prova de conservação de quantidades discretas após o estabelecimento da igualdade inicial procedemos às modificações e o retorno empírico. Foram feitos pedidos de argumentação e J. L. demonstrou possuir noção de quantidade e reversibilidade. Disse que eram fichas azuis e vermelhas, falou alguns minutos manipulando as fichas e dividindo entre ele e os colegas imaginários.

Na prova de conservação de líquidos, após o estabelecimento da igualdade procedemos as modificações e o retorno empírico. J.L. conservou em todas as modificações e apresentou noções de reversibilidade. As respostas para as modificações e retorno empírico foram “por causa que estão com o mesmo líquido” e “os dois líquidos são iguais”.

Na prova de conservação de massa, depois de estabelecida a igualdade inicial, procedemos às modificações (salsicha, rolinho e cinco pedaços iguais) e o retorno empírico. J.L. apresentou conservação de massa, pois em todas as modificações teve argumentos de reversibilidade. Algumas das respostas para as questões propostas foram: “vai ter a mesma massa”, “continua igual”.

Na prova de inclusão de classes perguntamos: Qual o total de animais? O que temos mais, tartarugas ou cangurus? Temos mais tartarugas ou mais animais? Temos mais animais ou cangurus? J.L. apresentou possuir a noção de inclusão de classes para todas as questões apresentadas.

Na prova de interseção de classes, após a apresentação do material e realizadas as perguntas definidas para esse teste, respondeu as perguntas de comparação de elementos da mesma classe (cor e forma) e hesitou nas perguntas de inclusão e interseção.

As técnicas projetivas são de grande valia no trabalho psicopedagógico, pois o desenho pode ser um instrumento importante para entendermos as dificuldades de aprendizagem do sujeito. Segundo os estudos de Visca (2013, p.15), “a observação do desenho da criança permite conhecer como ela constrói sua aprendizagem, a partir dos vínculos que tem com o outro e as coisas que fazem parte do seu dia a dia”.

Ainda segundo Visca (2013, p. 21 e 22), “é possível estabelecer os vínculos afetivos em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo, que poderão interferir positivamente ou negativamente na aprendizagem”.

Na técnica projetiva “Eu e meus companheiros” foi solicitado que se desenhasse com seus companheiros de classe, para que fosse investigado o vínculo que existe entre ele e seus colegas. Após o desenho foram feitas perguntas a respeito do desenho. J. L. explicou a princípio que estava dentro da sala de aula com seus colegas, mas depois afirmou que estava dentro da escola, não na sala de aula, desenhando depois um portão de entrada. Apesar de estarem disponíveis lápis de cor, optou por usar o lápis preto para desenhar e apenas quando disse que poderia usar o lápis de cor, caso quisesse pintar, é que resolveu usar.

Na técnica “Par educativo escolar” o objetivo é investigar o vínculo escolar entre quem ensina e quem aprende e a consigna consiste em solicitar que o sujeito desenhe duas pessoas, uma que ensina e uma que aprende. Após isto, foi solicitado que fizesse um relato sobre o desenho e que desse um título. J. L. resolveu então escrever a história do desenho, mas não deu um título. No seu desenho a professora está dando uma aula de ciências, sobre planetas. O desenho foi feito na parte inferior da folha, com o professor e o aluno bem pequenos, com os corpos inacabados. Percebemos um grande interesse pelo tema planetas.

A técnica “Família educativa” tem o objetivo de investigar o vínculo de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos membros da família, pois os vínculos familiares são relevantes para que a aprendizagem ocorra com sucesso. Com a intenção de entender o que acontece no ambiente familiar foi solicitado que J. L. desenhasse sua

família representando o que cada um mais gosta de fazer. No desenho a família aparece fazendo cada qual uma atividade e J. L. traça uma linha entre os desenhos, que segundo ele “era para não juntar as pessoas”.

Na técnica projetiva “os quatro momentos do dia”, o sujeito irá escolher os quatro momentos que mais tem significado no seu dia e distribuir de acordo com o tempo que estão acontecendo, ou seja, da hora que acorda até a hora que vai dormir. O Objetivo dessa técnica é conhecer os vínculos que o sujeito estabelece ao longo do dia. Após o desenho foi solicitado à J. L. que contasse com detalhes o que se passava no seu desenho e que desse um título ao mesmo. O título dado à história foi: A história de J. L. Em seu desenho usou uma sequência temporal: acordando de manhã, estudando antes de ir para a escola, indo para a escola e dormindo em sua cama. Os desenhos são inacabados, não apresentando muitos detalhes, como o corpo sem os pés.

Na técnica “O dia do meu aniversário” o sujeito poderá representar o dia do seu aniversário em forma de desenho. Essa técnica tem o objetivo de permitir ao entrevistador conhecer os vínculos de aprendizagem que a criança tem com ela mesma, seus desejos e interesses. Nessa técnica foi solicitado à J. L. que fizesse um desenho do dia do aniversário de um menino. Após o desenho, contou que o aniversariante se chamava Daniel e tinha treze anos, dois irmãos, o pai e a mãe. Em seu desenho não aparecem complementos tais como janela, piso, enfeites. Às vezes se contradiz entre desenho e relato.

A anamnese é um instrumento importante durante o diagnóstico, pois através de entrevista com os pais ou responsáveis, é possível obter informações acerca da história de vida do sujeito, esclarecer pontos observados durante os encontros realizados e conhecer um pouco da família. Durante a entrevista pode-se observar o comportamento dos entrevistados, por isso, é necessário deixá-los à vontade para se expressarem.

No histórico familiar, a mãe de J. L. nos informou ter tido uma gravidez tranquila e o parto cesariana. J. L. foi um bebê tranquilo, dormia bem durante as noites, amamentou no peito e aceitou alimentos com facilidade. Com relação ao desenvolvimento da linguagem, formulou frases completas a partir de quatro anos e meio, atualmente apresenta dificuldade de articular algumas palavras, omitindo letras. Com relação ao desenvolvimento psicomotor, andou com um ano e meio, controlou os esfíncteres vesical aos três anos e meio e os esfíncteres anal aos seis anos. Atualmente ainda não

tem total controle anal. Aos oito anos apresentou Diabetes do tipo I, passando a fazer uso de medicação controlada, o que fez com que surgisse na mãe um sentimento de superproteção, segundo ela.

Com relação ao seu comportamento e relacionamentos, não apresenta dificuldades e faz amizades com facilidade, prefere amigos mais novos. A mãe se contradiz em algumas informações, pois afirma que J. L. tem poucos amigos.

No histórico escolar, a adaptação não foi tranquila, chorava bastante, levando alguns meses para se adaptar, devido à fala não se entrosava com outras crianças, segundo sua mãe. Apresentou dificuldades na escola por volta de seis anos, quando a mãe trocou de instituição. Foi reprovado no 1º e 3º ano do ensino fundamental e suas dificuldades segundo sua mãe são nas áreas de português e matemática. A escola informou à mãe que o desenvolvimento de J. L. não era igual ao de seus colegas. J. L. tem horários definidos para estudar em casa e recebe auxílio da irmã nas tarefas escolares, em dias de prova a mãe o ajuda. Relaciona-se bem com professores e colegas.

A entrevista com o professor tem o objetivo de conhecer as dificuldades de aprendizagem e as potencialidades do sujeito, buscar informações quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, sua relação com os pares e seu rendimento acadêmico. A entrevista foi realizada na instituição de ensino de J. L., com a professora regente e a supervisora. A professora declarou que as dificuldades são de leitura, escrita e cálculo, apresentando desinteresse pelas atividades escolares, pouca assiduidade, também com problemas de atraso no horário de entrada. Em relação à família, não comparece à escola por iniciativa própria, apenas quando solicitada, a última vez em que estiveram na escola foi em fevereiro desse ano, quando foi indicado à mãe que o levasse a um especialista em Neuropediatria, devido às dificuldades escolares vividas no ano de 2015. Segundo sua professora, apesar da negligência da família, acredita existir uma superproteção por parte da mãe, sendo o pai ausente. Os recados na agenda voltam sem serem assinados e, às vezes, assinados pela irmã mais velha.

Sobre as competências e habilidades de J. L., a professora disse que seu caderno, apesar de incompleto, é organizado, o que segundo a supervisora foi uma conquista, pois no ano passado seu caderno era muito desorganizado.

Quanto ao perfil do aluno, a professora o classifica como apático, não demonstrando interesse pelos assuntos escolares. Com a professora demonstra atitudes de imposição, já com os colegas não se impõe. Tem uma boa relação com os colegas apesar da diferença de idade, que é desconsiderado por J. L.. Distrai-se facilmente, é muito lento nas atividades escolares e quase não produz trabalhos em grupo.

Nesse momento da pesquisa estamos realizando a análise dos dados obtidos e paralelamente revisitando o referencial teórico que possa nos respaldar na interpretação desses dados e contribuir para que possamos atribuir um significado ao que J.L. nos revela. Considerando as duas reprovações é fundamental que seja realizado um trabalho que ressalte as potencialidades, pois na perspectiva psicopedagógica, acreditamos na capacidade que qualquer pessoa tem de aprender.

A intervenção psicopedagógica é a intervenção do psicopedagogo nos processos de aprendizagem dos sujeitos que apresentam dificuldades buscando entendê-los e solucioná-los. Segundo MIRANDA, ao propor uma intervenção, o psicopedagogo está mediando a aprendizagem, favorecendo a relação entre o sujeito e o conhecimento.

Para o aluno, atividades lúdicas podem contribuir de forma significativa para o seu desenvolvimento facilitando no processo de socialização, de comunicação, de expressão, na construção do pensamento, além de auxiliar na aprendizagem. O trabalho também deverá seguir no sentido de promover a autoestima do sujeito. Para a construção da autoestima a criança deverá se sentir apoiada e aceita independente de seus resultados escolares.

Para a família, propomos um trabalho para a conscientização da importância da frequência escolar da criança, a participação na sua vida escolar e o incentivo à sua autonomia.

Para a escola, Propomos ações junto à professora e coordenação no sentido de ter um olhar mais atento às necessidades do sujeito, sendo indicado no caso um encaminhamento para um atendimento psicopedagógico. Também sugerimos ações como um aumento no tempo determinado para as provas, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos até o momento nos permitem fazer algumas reflexões e inferências acerca das dificuldades de aprendizagem apresentadas por J.L.. O resultado do diagnóstico gera, por vezes, ansiedade em todos os envolvidos, portanto é importante estar seguro antes de fazer qualquer afirmativa. Nesse caso orientamos que laudos de

fonoaudiólogos e neuropediatras serão necessários para a segurança e apoio a construção do diagnóstico.

Por fim, a nossa expectativa é no sentido de contribuir para que o sujeito supere os obstáculos postos na construção do seu conhecimento, escolarização e socialização.

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagens psicopedagógicas clínicas da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

MIRANDA, M. I. **Psicopedagogia.** Coleção Pedagogia s Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2011.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica Epistemologia convergente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **O diagnóstico operatório da prática psicopedagógica.** Buenos Aires:Ag. Serv.G. 1995.

_____. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua interpretação.** Compiladora: Susana Rozenmacher. 4^a ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2013.